

Nesse trabalho de pesquisa buscaremos demonstrar como o cinema é utilizado como ferramenta de construção ideológica sobre a história. Procuraremos visualizar parte dos mecanismos desse entrelaçamento entre a ideologia da classe dominante, sua necessidade de controle e de que mecanismos essa classe se utiliza para a realização de seus propósitos, tendo na ideia de indústria cultural um vislumbre de como a sétima arte se conecta com o todo do sistema para induzir o conservadorismo, deturpando a análise da história por parte do espectador. Dentro do escopo temático do capítulo mais nebuloso de nossa história recente, a Ditadura Militar (1964 – 85), selecionamos filmes produzidos já no período após a abertura democrática, nos quais se retratasse resistência ao Regime e que tivesse especial enfoque na luta armada: “Pra Frente, Brasil” de Roberto Farias, “O bom burguês” de Oswaldo Caldeira e “Cabra marcado pra morrer” de Eduardo Coutinho, foram escolhidos por preencherem esses requisitos. Nesses filmes, através da interpretação de suas personagens e da prospecção de seus enredos, buscaremos a fonte da construção ideológica do período em que suas produções ocorreram e como esses dois filmes entram em conformidade com a idéia dominante da época posta em questão do debate, ou seja, como a contemporaneidade discorre a cerca dos temas históricos. Procuraremos, utilizando-nos da interpretação de diversos autores sobre o cinema e a indústria cultural, desenvolver como a representação dos militantes da luta armada é retratada nessas obras e qual a característica de sua imagem é proposta na transmissão da História ao espectador. Assim, através da análise das personagens dos filmes, visualizar qual papel cumpre o cinema na construção da percepção sócio-histórica sobre questões referentes ao período militar, dentro da perspectiva de identificação do público para com o ser transgressor no regime, incluindo, como um dos focos a ideia de discussão sobre a abertura política dos anos 80.